

— ESCRITORES GAÚCHOS —

SÉRIE DIGITAL

ALCY CHEUICHE

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

José Ivo Sartori

Secretário de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer

Victor Hugo Alves da Silva

Diretora do Instituto Estadual do Livro

Patrícia Langlois

Conselho Editorial do IEL

Antonio Sanseverino, Carlos Alexandre Baumgarten, Charles Kiefer, Dilan Camargo, Jacira Fagundes, Luís Dill, Marco Cena, Monique Revillion, Patrícia Langlois, Rubem Penz, Ruben Castiglioni, Sergio Borja, Vera Teixeira Aguiar

Instituto Estadual do Livro

Rua André Puente, 318 – Porto Alegre (RS) – CEP 90035-150

Fone: (51) 33146450

ESCRITORES GAÚCHOS
SÉRIE DIGITAL
ALCY CHEUICHE



Porto Alegre, 2018

Edição:

Estevão Cogoy

Editoração e capa:

Sérgio Oliveira de Campos

Entrevista:

Luís Dill

Foto da capa:

Jonathan Nascimento da Silva

Fotos do texto:

Emerson Foguinho, Luiz Ventura, Luzimar Stricher e acervo pessoal do escritor

ISBN 978-85-7063-391-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

E74

Escritores gaúchos - série digital : Alcy Cheuiche. [livro eletrônico]. / Porto Alegre : Instituto Estadual do Livro, 2018. 40 p.

(Coleção Escritores Gaúchos)

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader ou outro leitor de pdf.
Modo de Acesso: <<http://www.iel.rs.gov.br>>

1. Cheuiche, Alcy : biografia. 2. Literatura sul-rio-grandense.
I.Título.

CDU: 928 (CHEUICHE)

SUMÁRIO

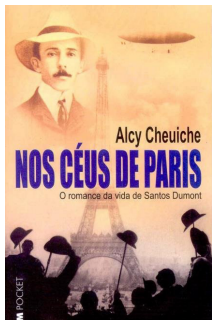
LISTA DE OBRAS.....	06
RELATOS.....	08
Apresentação – Alcy Cheuiche.....	09
Lucas da Cunha Zamberlan	
Um farol em nossa escritura.....	14
Luiz Gonzaga Lopes	
Móveis, utensílios e natureza – engrenagens cênicas – na ficção de Alcy Cheuiche.....	16
Élvio Vargas	
ENTREVISTA.....	18
TRECHOS DA OBRA.....	26
Trecho de <i>A Guerra dos Farrapos</i>.....	27
Trecho de <i>Sepé Tiaraju - Romance dos Sete Povos das Missões</i>.....	29
Trecho de <i>Agropecuária – Vocação Rio-grandense de todos os tempos</i>.....	31
Trecho de <i>O Velho Marinheiro – A História da vida do Almirante Tamandaré</i>.....	34
Conto: Milagre na Vila de Triunfo.....	37

ALCY CHEUICHE

(n. Pelotas, 21 de julho de 1940)



LISTA DE OBRAS



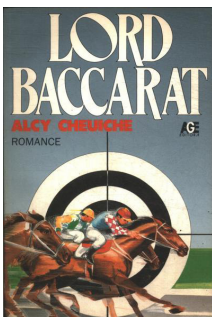
Versos do extremo sul - 1966

O gato e a revolução - 1967

Entre o Sena e o Guaíba - 1968

Meditações de um poeta de gravata - 1974

Sepé Tiaraju – Romance dos Sete Povos das Missões - 1975



O mestiço de São Borja - 1980

O planeta azul - 1981

A Guerra dos Farrapos - 1984

O pecado original - 1986

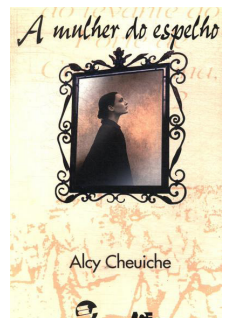
Sepé Tiaraju – Edição quadrinizada

por José Carlos Melgar - 1988

Ana sem terra - 1990

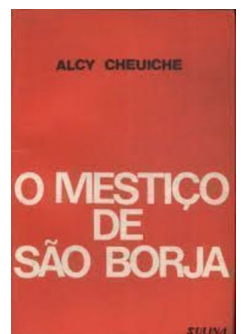
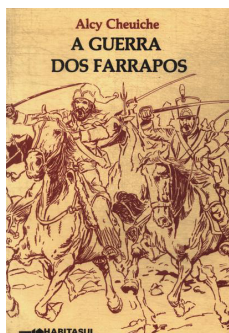
Lord Baccarat - 1993

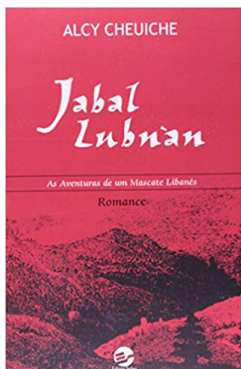
Ana sem terra – Warum auf Morgen Warten
(Por que esperar pelo amanhã?) 1ª edição na



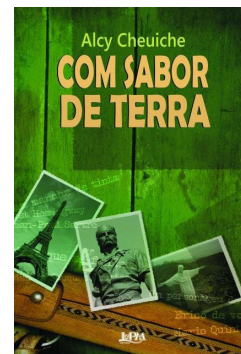
Alemanha - 1994

A mulher do espelho - 1995





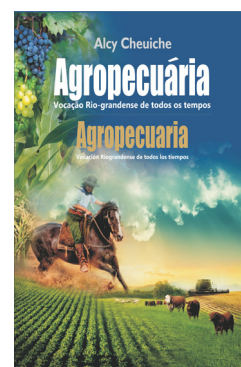
Sepé Tiaraju – Novela de los Siete Pueblos de Misiones – 1ª edição no Uruguai – Banda Oriental -1995; 2ª edição no Uruguai – Banda Oriental - 2012



Sepé Tiaraju - Der letzte Häuptling – 1ª edição na Alemanha - 1997



Nos céus de Paris – Romance da vida de Santos Dumont - 1998



Na garupa de Chronos - 2001

Jabal Lubnan, as aventuras de um mascate libanês - 2003

Antologia poética - 2006

A caturrita americana - 2009

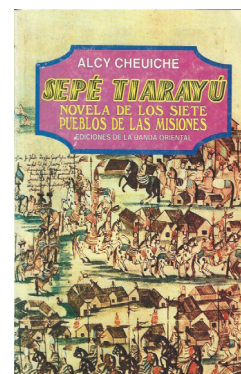


Santos Dumont – Biografia - 2009

João Cândido, o Almirante Negro - 2010

O ventríloquo - 2010

Com sabor de terra - 2011



Sepé Tiaraju – Romance dos Sete Povos das Missões/ Sepé Tiaraju – Roman der Sieben Missions – Völker – (livro bilíngue português/alemão, com fotografias de Leonid Streliaev) - 2015

O farol da solidão - 2015

Agropecuária – Vocação Rio-grandense de todos os tempos / Agropecuaria – Vocación Riograndense de todos los tiempos (livro bilíngue português/espanhol) - 2018

O Velho Marinheiro – A História da vida do Almirante Tamandaré - 2018



Foto: Luiz Ventura

RELATOS

Apresentação – Alcy Cheuiche

*Lucas da Cunha Zamberlan**

A filósofa Hannah Arendt, no livro *A Condição Humana*, reflete ontologicamente sobre a relação entre o homem e o mundo que o circunda. Na sua visão, as ações humanas, de uma forma geral, se revelam principalmente em eventos particulares do cotidiano. Quando elas promovem, de alguma maneira, uma modificação na esfera social, passam de simples atitudes a verdadeiras intervenções que, por sua vez, desencadeiam uma série de outras ações, assumindo, assim, o poder de transfigurar a realidade. Seguindo este princípio, podemos considerar que um escritor em seu ofício intervém de maneira dupla, pois age e interage não só com as coisas a seu redor, mas também com a matéria ficcional, tornando-se um demiurgo do próprio universo criado.

Alcy de Vargas Cheuiche é notadamente um destes artistas que claramente procura o ato intervencional tanto em sua vida como em sua obra, em uma simbiose produtiva pontuada de conquistas profissionais, façanhas literárias e engajamento social. Filho do general Alcy Vargas Cheuiche e de Zilah Maria Tavares Cheuiche, Cheuiche nasce em Pelotas, mas é criado no Alegrete, em contato direto com a natureza. Dessa forma, a escolha pela medicina veterinária parece bastante compreensível. Na convivência acadêmica, aprendeu a aliar os saberes da vida com os saberes da academia, o que resultou na aquisição do primeiro lugar de sua turma como aluno destaque, levando-o pela primeira vez a Paris.

O contato com o Velho Mundo lhe acendeu a fagulha do cosmopolitismo, pois foi na Alemanha, aos vinte e cinco anos, que Cheuiche decide intervir também no mundo da ficção (afinal, já era poeta com dois livros escritos) ao compor a sua primeira narrativa: *O Gato e a Revolução*, de 1967. Confeccionada e ambientada durante o período da Ditadura Militar, a novela foi proibida de chegar aos leitores por mais de vinte anos. No entanto, o tempo não foi inimigo

*Doutor em Estudos Literários e Bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado/CAPES da UFSM

da obra, como acontece em muitos casos. Ao contrário, *O Gato e a Revolução* transcendeu e ainda transcende os limites contextuais e, pelas suas especificidades artísticas, se mantém surpreendentemente cada vez mais contemporânea.

A despeito das dificuldades de ordem política, Cheuiche não desiste da literatura. Com o intuito de escapar das garras da censura, o escritor enreda-se nas veredas de um tipo singular de narrativa, oriundo do Romance Histórico teorizado por György Lukács, com *Sepé Tiaraju: Romance dos Sete Povos das Missões*. Só assim consegue viabilizar a continuação de um debate político-social extremamente pertinente ao contexto do regime de exceção em vigor, utilizando o meio mascarado do distanciamento temporal, confirmando, portanto, uma preocupação genuína com as causas urgentes da sua época.

Sepé Tiaraju difere, quase em tudo, de *O Uruguai*, de Basílio da Gama – poema de feições épicas que, embora estivesse próximo dos eventos narrados, compromete enormemente o seu valor devido à filiação ideológica com a política do Marquês de Pombal. Apesar de suas semelhanças, também se distancia do capítulo de *A Fonte*, de *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, por frequentar com mais constância os nomes que marcaram a Guerra Guaranítica, iluminando o debate de voga histórica, sem perder o sabor da efabulação.

E é dessa maneira, por via do resgate do passado, despertando do sono os que viveram anteriormente, que se dá a terceira e a mais contundente via da intervenção. Não só criar e inventar um mundo novo, mas trazer à tona as lições do passado, e as ações determinantes das grandes personalidades de outrora.

O livro seguinte não poderia ser outro: *O Mestiço de São Borja*, seguramente um dos cem maiores romances escritos no século passado. Considero-o assim, por inúmeros motivos, seja pela construção de suas personagens que permanecem no nosso imaginário, como Osvaldo, Otto, Timóteo; seja pelo enredo, tramado como um bom artefato gaúcho; seja pelo painel ousado de reconstruir literariamente 50 anos (1930 a 1980) da história do Brasil. Mas principalmente por tratar de um tema importante na época e extremamente urgente hoje: a consciência ambiental.

O Mestiço de São Borja profissionaliza o escritor. Agora, já dominando a arte de escrever, lhe é encomendado o desafio de

compor um romance sobre a Revolução Farroupilha, seguramente o maior evento ocorrido no nosso território. O resultado é *Guerra dos Farrapos*, de 1985, que arrebatou o prêmio *Ilha de Laytano*. Nessa obra, história e fantasia se harmonizam com elegância, e desfilam uma série de personagens tão caras à cultura gauchesca com naturalidade e comprometimento factual.

Em 1990, consolidado como um dos principais ficcionistas gaúchos da contemporaneidade, ao lado de Moacyr Scliar, Luiz Antonio de Assis Brasil, Luís Fernando Veríssimo, Tabajara Ruas, Caio Fernando Abreu e tantos outros, o autor presenteia o seu público leitor com *Ana Sem Terra*, romance de matiz sociológica que remonta a aspectos importantes das raízes das desigualdades sociais brasileiras, filiando-se às pesquisas científicas de Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Abrangendo um escopo temporal que principia do verão de 1958 e se estende até o inverno de 1990, o livro possui um andamento tão bem amarrado, que até hoje nunca encontrei alguém que não o lesse, sem descanso, até encontrar seu fim. O próprio Paulo Autran, grande nome da dramaturgia nacional, confessou isto em carta ao escritor: "Li seu livro *Ana sem terra*, de uma tacada só. Comecei às 23 horas e fui sem parar até três da manhã. É uma história empolgante e bem narrada. Parabéns!"

Sem perder o ritmo, em 1993, a AGE editora lança *Lord Baccarat*, que chama atenção pela temática das drogas, por certo, mas que, na avaliação do desenvolvimento da obra do escritor como um todo, chama-nos a atenção de modo singular. O romance apresenta uma série de inovações formais – como deslocamentos temporais e demarcações de fala tomadas de empréstimo do teatro e do cinema – que consagram Cheuiche como um artista versátil, atento às transformações operadas na narrativa do século XX, na esteira dos grandes nomes do *nouveau roman* francês e da literatura de Ernest Hemingway, sua maior inspiração artística.

O mesmo ocorre em *A Mulher do Espelho*. Um verdadeiro *thriller* psicológico no qual se adensa um enredo difuso, permeado de incertezas e acontecimentos que remontam aos anos 20 e o evento dos "Dezoito do Forte". Entretanto, o episódio histórico serve como um portal para um universo misterioso onde realidade, ficção, sonho e imaginação se combinam e não raro se confundem. Em suma, um de seus melhores romances.

Já em 1998, após uma pesquisa digna de nota, Alcy vira fato literário de crítica e público com *Nos céus de Paris: O Romance da Vida de Santos Dumont*. O livro recebe o *troféu da RBS* como o melhor romance lançado na Feira do Livro de Porto Alegre daquele ano e também o *troféu Laçador*, como o melhor livro publicado no sul do Brasil em 1998. Em síntese, o escritor colore a vida do pai da aviação com tintas tão vivas, que o leitor não consegue se apartar de cada experiência do protagonista, revivendo, junto com ele, todas as suas conquistas e decepções. O livro, nunca é demasiado lembrar, torna-se uma referência de pesquisa em torno de Santos Dumont e alça o caráter da narrativa de Cheuiche a um patamar ainda mais elevado.

Adentrando o século XXI, surge *Jabal Lubnan, as Aventuras de um Mascate Libanês*, que conta as histórias do avô do escritor na sua vinda para o Brasil. Como o título explicita, são aventuras, no plural. Isso traz à baila o fenômeno das narrações orais, exatamente naquele entre-lugar em que o erudito se encontra com o popular, em uma harmonia narrativa que abre espaço sempre para uma continuação, por certo, em formato de romance, mas, quem sabe, em outros gêneros, como as histórias em quadrinhos, por exemplo.

Em 2010, exatamente no ano em que se celebrou o centenário da corajosa Revolta da Chibata, ocorre a publicação de *João Cândido: o Almirante Negro*, obra que ilumina um evento histórico muitas vezes esquecido pelo povo brasileiro. Intervindo contra a perda da memória coletiva, o livro faz reviver o líder João Cândido, filho de escravos, que com seus sonhos e ações, lutou pelo mínimo de igualdade em uma sociedade totalmente fragmentada como era a nossa, na República Velha.

Chegamos, então, ao *Farol da Solidão*, datado de 2015, em que o nosso autor lança mão de um truque shakespeariano, narrando através de seu protagonista o que há de mais significativo na vida de Carlos Santos, deputado negro que agiu decisivamente na história do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro.

E, enfim, já em 2018, é publicada "O Velho Marinheiro - A História da Vida do Almirante Tamandaré", obra definitiva sobre a vida de Joaquim Marques Lisboa. Com o apoio da Marinha do Brasil, Cheuiche edifica um panorama histórico-narrativo que ilumina os fatos decisivos do século XIX, desde as lutas pós-independência, passando pela Guerra da Cisplatina, Revolução Farroupilha, Guerra do Paraguai, até chegar à Proclamação da República. O livro, além de um retrato das ações governamentais de

Dom Pedro II, recompõe a época à luz do pensamento do Almirante, promovendo, pelos caminhos da biografia individual, a emergência de figuras fundamentais da nossa história, como o próprio Imperador, o Duque de Caxias, a Princesa Francisca, Carlos Chagas, entre muitos outros.

Além das obras mencionadas, há ainda muitas outras, de substrato artístico de mesma relevância, como a peça de teatro, *O Pecado Original*; os livros de crônicas, *Na Garupa de Chronos*, que ganhou o Prêmio Açorianos, de 2001, *O Planeta Azul* e *Com Sabor de Terra*; as obras da literatura infantil, com *O Ventríloquo* e *A Caturrita Americana*; ou de poesia, com *Meditações de um poeta de gravata*, *Entre o Sena e o Guaíba*, *Versos do extremo sul* e finalmente sua *Antologia poética* de 2006, ano que foi escolhido como Patrono da feira do Livro de Porto Alegre. Nessa última obra, inclusive, aparece o poema gauchesco amplamente conhecido e declamado em eventos tradicionalistas *Que diacho! Eu gostava do meu cusco*, que conta a trágica história de afeto entre um homem e o seu cachorro.

Alcy Cheuiche também ministra, desde o ano de 2002, Oficinas de Criação Literária que levam o seu nome. Desde então, o seu legado, nessa seara, arregimenta 75 livros – uma verdadeira biblioteca – efervescendo a arte literária em cidades como Porto Alegre, Bagé, Osório, Pelotas, Guaíba, Santa Maria, Canoas, Ivoti, Ijuí, Sapucaia, Tramandaí e Caçapava do Sul, onde tudo começou.

Ademais, seus romances já foram traduzidos para inúmeros idiomas, como o Espanhol, o Francês e o Alemão.

Para clarificar um pouco mais a sua a grandeza de sua obra, utilizo as palavras do poeta Armindo Trevisan:

"Alcy Cheuiche é um dos mais notáveis ficcionistas do Rio Grande do Sul, situado entre os mais identificados com sua gente, seus ideais de cara limpa, suas noites estreladas".

Para finalizar, em uma apreciação pessoal, acredito que o poder da sua literatura venha desse entrelaçamento entre as duas tradições da literatura nas suas origens: de um lado, o gênero épico, preocupado em desenvolver uma ação na qual evidenciam-se sentimentos de coletividade; e o lírico, onde se promove o reconhecimento das emoções: o amor, a justiça, a igualdade, a compaixão, tão presentes em suas narrativas de caráter intervencional. Talvez por habitar habilmente os dois terrenos, a sua literatura comova tanto.

Um farol em nossa escritura

*Luiz Gonzaga Lopes**

Alcy Cheuiche é um escritor que tem marcado minha vida de jornalista cultural e editor de suplemento literário em jornal, mas foi outra a circunstância que me deixou mais próximo deste arquiteto das letras e da estrutura de contos e romances, mesmo que a formação principal dele seja a de medicina veterinária. Quando evoco a arquitetura, me remeto a uma oficina de contos que Alcy conduziu durante uma Feira do Livro de Porto Alegre há quase uma década. Estava lá eu com um romance já lançado (*Amor sobre tela*, 2007) e alguns contos publicados em revistas e antologias, quando naqueles cinco encontros me deparei com alguns ensinamentos que guardo para a vida e sempre cito em eventos literários, nas aulas de mestrado ou quando converso e/ou entrevisto outros escritores. O primeiro destes ensinamentos é escrever sobre algo que o autor domina, de que está mais próximo ou gosta muito, ou ainda, ao escrever sobre algo que não entende (situação que atrai escritores como o espanhol Javier Cercas, que esteve em Porto Alegre em outubro de 2018 para o Fronteiras do Pensamento), pesquisar exaustivamente. Para falar de aviação, de medicina, de um crime, de internet, história, tentar estudar tudo, falar com pessoas especialistas do tema ou que exerçam a profissão para tentar saber como um médico age em determinada situação, como é tal procedimento cirúrgico, entre outras especificações. E quando colocar uma palavra no texto, tentar saber o seu significado, sentido, se é o vocábulo mais apropriado. Assim, ele fez os oficinairos, os aspirantes a contista, escritor, terem contato com sua arte, arquitetura de um conto, de um romance. Além de muita teoria, Alcy ajudou os alunos a escolher os temas; por isso que nas suas oficinas sempre há uma temática, desde a Legalidade e a Revolução Farroupilha até Jayme Caetano Braun ou Paris.

* *Jornalista cultural, escritor, editor do Caderno de Sábado do Correio do Povo, especialista em Literatura Brasileira - Escrita Criativa pela UFRGS e mestrando em Letras (UFRGS)*

Lembro de uma citação de Alcy Cheuiche ao receber um prêmio literário que resume o que quero dizer neste depoimento, pois sei que as múltiplas virtudes deste autor vão aparecer em outros depoimentos: "Sou um homem de horizontes, mas cuja agulha imantada aponta sempre para a querência". Esta frase soa para mim exatamente como a de Lev Tolstói: "Se queres ser universal, começa por pintar tua aldeia", e também exatamente por seus ensinamentos naquela oficina de contos, falar do que domina, do que está próximo e, quando algo estiver distante, mas for necessário ser contado, pesquisar como um jornalista, historiador ou como um ficcionista que busca a verossimilhança, o que há de mais de real nos ofícios, nas situações e no sentido correto das palavras. Foi assim que Alcy falou da aldeia e foi universal em *O Gato e a Revolução*, *A Guerra dos Farrapos*, *O Mestiço de São Borja*, *Jabal Lubnàn - as aventuras de um mascate libanês*, *Ana sem Terra* e foi perscrutador como um historiador ou um médico das letras em *Nos Céus de Paris - o romance da vida de Santos Dumont*. Por estas razões apresentadas, considero Alcy um amigo, mestre, um arauto, um clarividente, um preceptor, um guia, um farol tal qual o título de um dos seus livros mais recentes *O Farol da Solidão*. Viva o farol Alcy em nossas vidas e que a sua luz continue a iluminar e a suavizar a nossa navegação neste barco sem remos, ao sabor dos ventos Cheuichianos.

Móveis, utensílios e natureza – engrenagens cênicas – na ficção de Alcy Cheuiche

Élvio Vargas

Noite fechada. O temporal ainda ruge pelas barrancas do rio. Dentro da casa de madeira, a umidade é quase palpável. Uma goteira pinga sobre a bacia de lata. Outros pingos se formam no telhado de quadrados de tábuas. E caem direto no assoalho. Ana está sentada numa cabeceira da mesa, lendo em voz baixa para as sobrinhas. O livro ilustrado recebe em cheio a luz escassa do lampião. As três cabeças louras estão muito juntas. No outro extremo da mesa, Heidi passa roupa com um ferro pesado, cheio de brasas morrentes. Hans está sentado numa poltrona forrada de plástico, tentando ouvir as notícias num rádio de pilha. Os estalos da estática abafam a voz longínqua do locutor. O latir insistente de um cachorro faz com que todos ergam a cabeça (...). Lina Wertmüller (cineasta, codiretora em vários filmes de Fellini) lapidou a magnífica frase: “O rosto é a melhor paisagem do cinema, significando o primeiro plano dentro da moldura do olhar”. Com a mesma intensidade, num segundo plano (grifo meu), móveis, utensílios e natureza são contratados para compor o volume espacial da cena escrita ou filmada. Muitos ficcionistas não usam esse mágico recurso, trabalham mais sobre o clima de tensão das personas, esculpidas em seus conflitos, desejos e sortilégios, o que não lhes invalida a grandeza – toda a tecelagem mística das criaturas é fórum íntimo do criador, tanto quanto suas vestes e mobiliário. Pensar sobre um vulto, nomeá-lo, situá-lo em tempo, espaço e função exige muito do ficcionista, pois os leitores habitam seus cômodos e aspiram às suas alegrias, aos seus medos, triunfos e fracassos. Se o poeta é a melhor ficção do poema, justamente pelo ato miraculoso de sua desapareição, na vida e na morte, ocupando o vazio de sua presença pelo verbo encarnado, o narrador perambula

pela eternidade de mãos dadas com seus entes queridos. O fragmento em itálico que abre este texto foi extraído da página 157 do romance *Ana sem Terra*, de Alcy Cheuiche. No habitat dos seus livros, as tramas estão bem urdidas pela poética e sustentadas por uma plasticidade que poucos alcançam, para orçar com palavras e narração nossos cálidos e álteros mundos fronteiriços. Suas mulheres, homens e crianças lutam com desespero e maltrapilhas esperanças para (re)erguer horizontes povoados por afiados sóis e luas emergentes. Os leitores, no *en passant* que precede a leitura, na sua grande maioria não intuem o que representa um temporal em noite fechada numa pequena fração de campo em nossas longínquas paragens, sequer afrontá-lo numa diminuta casa. Uma goteira pingando sobre uma bacia de lata, a protagonista lendo em voz baixa para as sobrinhas numa tentativa de exorcizar a ira do vento, o ferro de passar roupa aquecido por brasas, um radinho a pilha e o cachorro. O edifício descritivo na página estabelece um movimento planejado para as oscilações sensitivas da leitura – engrenagens cênicas da plataforma onírica que faz a mediação pulsante do texto entre os lugares e as falas das personagens. Este vigoroso planejamento é recorrente na sua obra, calcinando, entre os desvãos de sua carga dramática, sonoras pontes de ternura e encantamento, interligando vozes e recintos – traços próprios de sua escrita – que comprovam sua assinatura maior entre os grandes romancistas de nossa sul-platinidade...



Foto: Emerson Fogninho

ENTREVISTA

Quando você percebeu que se tornaria escritor?

Quando tinha sete anos e me contaram que Monteiro Lobato morreu. Chorei como se fosse uma pessoa da família e prometi para mim mesmo que iria seguir seu caminho. Mas só acreditei que isso seria possível quando, aos onze anos, participei de um concurso de redações em Alegrete. Organizado pelo Rotary Clube, era reservado aos alunos do Curso Primário das escolas municipais e estaduais. O tema era sobre o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, e participaram centenas de crianças. Tirei o primeiro lugar e recebi a honraria na Praça Getúlio Vargas, antes do Juramento à Bandeira dos novos soldados. Isso foi no dia 25 de agosto de 1951. Quinze anos depois, em maio de 1966, publiquei meu primeiro livro de poesias, *Versos do extremo sul*.

Qual seu processo de trabalho?

Quando se trata de poesia, pura inspiração. Deixo que ela nasça por conta própria (como a natureza na primavera) e nunca me arrependo. "Anita Garibaldi", acredito que uma das melhores, principalmente depois de musicada e cantada por Marlene Pasto, nasceu de madrugada e me tirou da cama: escrevi a poesia em uns trinta minutos e voltei a dormir. No outro dia, ao revisá-la, não mexi em nada. O mesmo aconteceu com um dos meus poemas mais conhecidos, "Que diacho! Eu gostava do meu cusco", que foi escrito em duas horas. Já com a prosa, como a história está presente em meus romances, antes de me aprofundar no assunto, faço uma pesquisa prévia para ter certeza de que o tema vai me conquistar. Recordo, por exemplo, do momento em que decidi, dentro de mim, que escreveria *A Guerra dos Farrapos*. Foi quando fui estudar a vida de Bento Gonçalves e fiquei sabendo que, prisioneiro na Fortaleza da Laje, de onde seria levado para Fernando de Noronha e para a morte certa, ele desistira da fuga para não abandonar na masmorra seu amigo e irmão maçom, Pedro Boticário, que, por muito corpulento, não conseguira passar pelo corredor aberto para a liberdade. Bento voltou para a prisão e eu, acreditando no seu caráter, consegui dedicar-me integralmente à tarefa de realizar uma ampla pesquisa histórica e escrever o livro.

Quais são suas principais referências literárias?

Em Alegrete, comecei com Monteiro Lobato, Castro Alves, Simões Lopes Neto, José Hernández, Cyro Martins, Vargas Neto, Dyonélio Machado, Jayme Caetano Braun, Mario Quintana, Erico Verissimo, Ernest Hemingway, Victor Hugo, Alexandre Dumas. Sou grato principalmente ao meu pai, que nos narrou *O Conde de Monte Cristo* e outros livros que amava como se fossem histórias para crianças. Aos dezoito anos, já em Porto Alegre, descobri Sófocles no Theatro São Pedro e procurei ler as peças dele que sobreviveram (*Electra* até hoje é a personagem literária feminina que mais me encanta em todos os tempos). Publiquei um dos meus primeiros poemas, "Reza Chucra", no jornal dos estudantes da Faculdade de Agronomia e Veterinária e, graças a ele, fui adotado culturalmente por um dos seres humanos mais extraordinários que conheci, Mozart Pereira Soares, professor de Fisiologia, poeta e prosador, sobre o qual Antonio Hohlfeldt escreveu um livro cujo título já o define com perfeição: *Saber universitário com gosto campeiro*. O Mestre Mozart disse-me, depois de elogiar o poema, uma frase que foi definitiva para o meu futuro: Não há nenhuma incompatibilidade entre o veterinário e o escritor. Ao contrário, o contato maior com a natureza nos prepara melhor para exercer esse ofício. E foi o médico veterinário, durante muitos anos, que pagou as contas do escritor. Por isso, tenho a honra de ser membro vitalício da Academia Rio-Grandense de Letras e da Academia Brasileira de Medicina Veterinária. Foi também, durante os anos que passei na França e na Alemanha, realizando o mestrado e início do doutorado em Veterinária, que descobri os mestres e os encantos da literatura francesa e alemã: paixões que ainda cultivo por Prévert, Sartre, Simone de Beauvoir, as duas Marguerites, Yourcenar e Durras, Malraux, Maurois, Pennac, Brecht, Günter Grass, e tantos outros. Em visitas à Espanha, conheci os poemas de García Lorca (muitos deles sei ainda de cor), Machado e do pastor de cabras Miguel Hernández, também vítima, como Lorca, do franquismo fascista. Aprendi a ler melhor em espanhol (o idioma da minha infância de fronteira), o que abriu caminho para os latino-americanos Neruda, Carpentier, Borges, Benedetti, Gabo, Cortázar, Arregui, Galeano, e depois para ler e traduzir o meu irmão uruguaio Mario Delgado Aparáin. Em Portugal, antes de mergulhar na obra de Saramago, que muito admiro, encantei-me e ainda me encanto

com Eça de Queirós (li, ainda jovem, por orientação do Professor Mozart, todos os seus livros), Fernando Pessoa, Florbela Espanca (graças ao poeta Moacyr Santana, que também orientou minhas leituras, colocando-me nas mãos, entre outros, o fantástico Livro de San Michele, de Axel Munthe). Ainda em Hannover, na Alemanha, escrevi com 26 anos minha primeira narrativa longa, *O Gato e a Revolução*, momento em que decidi que não poderia, por falta de tempo, ser cientista e artista ao mesmo tempo. Assim, desisti do doutorado e abri no Brasil uma revista de ensino pós-universitário, *A Hora Veterinária*, que sustentou o escritor por trinta anos. Nos últimos dez, desde 2008, estou vivendo somente da literatura: direitos autorais, palestras, aulas de Oficina Literária em conto, romance, poesia & declamação.

Algum hábito na hora de escrever?

Sim, costumo escrever bem cedo, todas as manhãs, deixando as tardes para a pesquisa e as noites para o lazer. Nos primeiros tempos, como devia trabalhar oito horas por dia para me sustentar, aprendi a escrever de madrugada. Já sabia, desde muito jovem, que um romance, depois de começado, não deve ser jamais interrompido (isso de *esperar* por inspiração é a maior bobagem). Assim, durante a redação de livros como *Sepé Tiaraju* e *O Mestiço de São Borja*, escritos em Campos do Jordão, São Paulo, onde fui sócio de uma Clínica Veterinária de 1974 a 1980, eu me deitava o mais tardar às dez horas da noite e me acordava (ou o livro me acordava) às quatro da manhã. Escrevia até às sete, tomava banho, café e ia trabalhar. Nos intervalos das consultas, às vezes tinha tempo para datilografar o texto escrito de madrugada, quase sempre manuscrito, para não acordar a família com o barulho da máquina de escrever. O leitor mais curioso da minha obra poderá encontrar na Biblioteca Mario Quintana, em Alegrete, o original manuscrito de *Sepé Tiaraju*, que doei como exemplo da maneira como escrevia nos primeiros tempos.

Quando você sabe que o livro está pronto?

Uma ótima pergunta, principalmente para o romancista... Mais de uma vez a fiz para mim mesmo, antes de entregar o livro ao editor, depois de feitas as revisões literária e de português. Será que não falta nada? Será que não sobra nada? Não será o caso de retirar algum capítulo, de escrever um epílogo? Aí, o que recomendo aos colegas que estão começando, é ler todo o livro, capítulo por capítulo, conto por conto, poema por poema com olhos de leitor e não de escritor (e, sempre que possível, em voz alta). Faço isso há muitos livros e posso confessar que excluí e incluí capítulos em alguns deles, mas sempre com muito cuidado. Isso porque adoro a sabedoria dos ditados e um deles, bem aplicado neste caso, é: pior a emenda do que o soneto. Também aprendi uma lição que ajuda a deixar o livro seguir seu caminho: nenhuma obra esgota um assunto; os espaços deixados poderão ser o ponto de partida de outro escritor. Um exemplo de inclusão depois de pronto é o último capítulo do romance *A Guerra dos Farrapos*, com o sugestivo nome de "Toque de Silêncio", que escrevi por saudade do livro que acabara de nascer. Outro exemplo é o último capítulo do livro *O Farol da Solidão*, quando me socorri do mestre Benedetti para concluir o livro com o encanto do realismo mágico.

Ainda existe originalidade em literatura?

Desde que li uma versão em francês das *Mil e uma noites*, deixei de me preocupar com a originalidade... Shakespeare e Cervantes também me deram aulas sobre isso. E, muito depois deles, Hemingway em *O velho e o mar*. O que importa para o escritor, de ontem e de hoje, é contar uma boa história, é conquistar o leitor sem outro artifício a não ser a palavra escrita. Em sua última entrevista, Sartre afirmou que ele e Simone sempre escreveram para o leitor; que é somente no leitor que a narrativa se realiza. Por isso, antes de ser original, sempre me preoquei com o leitor do meu tempo. Por isso, já no meu primeiro romance, *O Gato e a Revolução* (edição Sulina, 1967) empreguei a técnica dos capítulos curtos, cada um deles podendo ser lido como um conto independente,

exatamente o que fiz neste ano de 2018 com meu mais novo romance, *O Velho Marinheiro*. Orgulho-me disso porque escrever assim ainda não estava na moda quando comecei. Mas tenho certeza que Victor Hugo, por exemplo, se escrevesse nos dias de hoje, saberia muito bem reduzir *Os Miseráveis* para, no máximo, umas trezentas páginas. Isso porque ele sempre soube escrever para o leitor e não para si mesmo (e o leitor de hoje não tem tempo nem dinheiro para comprar e ler livros de mil páginas). Saramago não ganhou o Prêmio Nobel pela originalidade de sua pontuação, mas pela qualidade de seus livros, principalmente *Um ensaio sobre a cegueira* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.

O passar do tempo ajuda a escrever ou o nível de exigência torna o processo mais complicado?

Concordo com José Hernández em seu *Martín Fierro*: “El diablo sabe por diablo, pero más sabe por viejo”. Infeliz do escritor que não soube aprender pelo caminho; consigo mesmo e com os outros. Comigo é clara a influência das Oficinas de Criação Literária (que administro desde março de 2002) em romances publicados depois que me aprofundei nas técnicas essenciais da arte de escrever. Nada contra os livros anteriores; mas sei que estou escrevendo melhor e, para isso, é importante a experiência acumulada. Exemplo disso é o meu romance mais recente, *O Velho Marinheiro*, onde narro a vida do Almirante Tamandaré. A Marinha muito me estimulou para escrevê-lo, porque sou autor do livro *Nos céus de Paris*, sobre Santos Dumont, pelo qual recebi três prêmios literários e a mais importante condecoração da Força Aérea Brasileira. Desta vez, com mais experiência, escrevi o livro em menos da metade do tempo. Isso porque contei desde o primeiro dia com o apoio logístico da Marinha (que me abriu todos os seus arquivos) e também aprendi com os livros anteriores a agilizar a pesquisa histórica, buscando informações diretamente nas fontes, já que leio correntemente em cinco idiomas. Exemplo: em 1848, Tamandaré, no comando do primeiro navio a vapor da nossa Marinha Imperial, liderou a façanha de resgate de uma centena de ingleses náufragos do navio Ocean Monarch, não longe do porto de Liverpool. Em lugar de pesquisar em fontes brasileiras, mergulhei logo, pela internet, na leitura de jornais de Londres que narraram o fato

nos dias em que aconteceu. Assim, descobri que não houve nenhum exagero e que, realmente, Tamandaré e sua tripulação se portaram com extrema generosidade e coragem.

O mundo virtual está mudando a maneira de escrever livros?

Não, somente está mudando a maneira de ler livros. Já vai longe o tempo em que nos ensinavam na escola sobre as artes, letras e ciências. Hoje sabemos que o escritor é um artista e que a arte é uma só, sendo normal que Van Gogh tenha se inspirado em Balzac para pintar e que Hemingway ficasse horas diante dos quadros de Cézanne antes de escrever os contos de sua juvenília, em Paris. Os primeiros leitores foram os Sapiens (como nos conta Yuval Noah Harari), homens, mulheres e crianças que pintaram e contemplaram as pinturas rupestres, desenhadas por eles mesmos nas paredes das cavernas, há mais de vinte mil anos, para contar histórias, na ausência de outra forma de escrita. Principalmente na gruta de Lascaux, na França, essas imagens são impressionantes. Depois, a pedra continuou sendo usada como substrato dos escritores em muitas civilizações, em especial na Mesopotâmia e no Egito. Ali mesmo, o papiro a substituiu, cedendo lugar depois ao pergaminho. Surgiu, então, o papel, descoberta chinesa popularizada pelos árabes, que está às vésperas de completar dois mil anos, ao mesmo tempo em que a tipografia de Gutenberg vai comemorar seiscentos. Em nossos dias, embora lentamente, os meios virtuais estão ganhando espaço na literatura e isso é muito bom. Mas, sendo absolutamente sincero, para nós, escritores, não importa como o leitor vai nos ler e sim que leia os nossos poemas e narrativas e se deixe encantar por eles. Um dos exemplos da versatilidade da leitura é o romance de Margareth Mitchell, *E o vento levou...*, que poucos leram no papel e muitos viram no cinema.

Qual a proporção ideal entre ler e escrever?

Quando visitei a Finca Vigía, nos arredores de Havana, onde Hemingway viveu durante muitos anos, fiquei impressionado com a quantidade de livros com cara de lidos que estão em todas as peças, como personagens

principais da morada. Se fizermos uma proporção, podemos calcular que ele leu cinquenta a cem livros para escrever um. E acredito que me diria para não perder tempo com esses cálculos... O importante é saber que o escritor de verdade é sempre um leitor insaciável. E aprendi mais alguma coisa que vale a pena contar. Durante os meses que levo para escrever um romance, nunca leio autores desconhecidos, somente releio livros que conheço e respeito. É isso mesmo. Nosso subconsciente é como uma esponja, não se esqueçam disso. E é nele que habita o nosso processo criativo.

Qual aviso você daria aos novos autores?

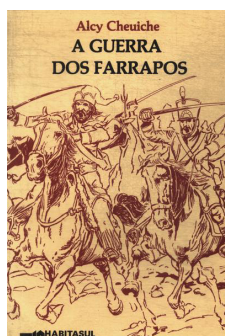
Acreditem em vocês mesmos; modéstia demais é pior que vaidade; não só os mestres consagrados podem escrever livros dignos de não serem esquecidos. Leiam muito, ouçam música, dancem, frequentem galerias de artes plásticas, estejam a par dos bons filmes e peças de teatro, não percam nenhuma oportunidade de viajar e, se possível, vivam ao lado de um amor. Se puderem, antes de publicar o primeiro livro, façam uma Oficina de Criação Literária. Nunca considerem a literatura um passatempo e sim uma arte à qual devemos dedicar os nossos melhores momentos. Reservem um espaço em casa para escrever e desliguem os telefones antes de começarem a primeira linha. O processo criativo é como uma impressão digital, único, só nosso, e costuma nos ditar o texto em um único fluxo. Se o interrompermos por qualquer razão, ele voltará de outra maneira, nem sempre tão bem como começamos. Deixe para ler o que já escreveu, ou para pesquisar mais no Google ou onde for, só depois que o texto do dia estiver concluído. Se estiver escrevendo um romance, nunca pare ao terminar um capítulo. Siga escrevendo, aproveitando o fluxo criativo, pelo menos mais alguns parágrafos. Isso nos ensinou Hemingway e eu garanto que funciona. Na revisão final, procure ajuda de um colega mais experiente. E, ACIMA DE TUDO, NUNCA SEJA UM ESCRITOR DE FIM DE SEMANA.



Foto: Luzimar Stricher

TRECHOS DA OBRA

TRECHOS DE LIVROS



A Guerra dos Farrapos

(trecho do capítulo "Anita Garibaldi", p. 138)

Ana sai pela porta da frente e caminha pela rua movimentada. É dia de batizados e muita gente entra e sai da igreja. Soldados passam a galope, levantando areia. Somem pela estrada que leva ao alto do morro. Dona Sibila, a mulher do ferreiro, tenta detê-la para conversar. Ana mostra o cântaro que traz consigo. Tem pressa de ir à fonte. Manoel vai bem, obrigado. Não abriu a sapataria porque saiu cedo para caçar. O ferreiro, coitado, está sobrecarregado de trabalho. Não tem tempo para diversões. Será que os valores que ela está recebendo terão algum valor? Ana segue seu caminho. Dirige-se à beira do cais e ergue a vista para a escuna ancorada na enseada. A maior delas e mais próxima. Seu coração dispara. O homem dourado está junto da amurada. Com o binóculo, deve estar vendo todos os detalhes. O rubor lhe sobe pelas faces. Com a mão livre, ergue o decote do vestido. Levanta a cabeça e apressa o passo. Dobra à esquerda no ancoradouro e segue o trilho que conduz à fonte.

Garibaldi grita pelo escaler e não tarda a chegar à praia. A moça morena sumiu-se pelo mato da encosta do morro. É meio-dia. Diminuiu muito o movimento do cais. Cheiro de peixe frito. De camarão. Fumaça espalhada pelo vento. Ninguém o vê entrar no mato. Silêncio. Apenas o ruído da fonte lhe chega aos ouvidos. Está frio à sombra das árvores. Frio e úmido. Mais alguns passos e confronta-se com a moça morena. Ana sustenta com altivez o seu olhar. Garibaldi se aproxima até quase tocá-la. Ouve sua própria voz, estranha e rouca.

- Anita! Tu devi esser mia.

Ana sorri e sente as lágrimas a lhe queimar os olhos. O homem dourado aperta-a nos braços. Ambos estão trêmulos. Ficam abraçados, em silêncio, durante um longo tempo.

Noite escura no camarote do "Rio Pardo". A brisa embala o barco levemente. Um homem e uma mulher fazem amor com fúria e com carinho. Surpresos pela descoberta mútua. As mãos escorregando pela a pele macia. Cheiro de sol nos cabelos negros e dourados. Gosto de mar nas bocas que se beijam. A vibração imensa se renova mais uma vez. Emergem das profundezas do corpo. Casados pelo ritual mais antigo da espécie humana, nada mais, senão a morte, os irá separar.



Sepé Tiaraju - Romance dos Sete Povos das Missões

Dedico este livro a todas as minorias raciais que nesta e noutras regiões do globo lutam por sua dignidade e sobrevivência.

Estou velho. Há quase dois anos não bato mais o sino da Capela Maior. Meu braço esquerdo pende do meu ombro como a cauda de um animal ferido. Enxergo pouco, muito pouco, mas só para fora. Para dentro, como uma compensação do Senhor Todo Poderoso, cada vez enxergo mais e melhor. Reduzi ao mínimo as leituras. Ninguém fala comigo sem motivo. Adotei finalmente a meditação. Nas noites frias, aconchegado contra o fogão de pedra da cozinha, eu ouvia os cochichos. Enquanto o gordo Irmão Vicente trabalhava nas panelas, eu ouvia os cochichos. Ninguém reclamou quando deixei de comer à mesa. Servem-me neste mesmo canto, um pouco antes do *setter* vermelho, o cão do Padre Provincial. Minhas meditações começaram quando cheguei neste canto. Nos primeiros dias eu ainda escutava os cochichos e eles me fe-

riam como agulhas. Agora, meu pensamento voa livre e ágil como um pássaro. Como voavam, há setenta anos, as gaivotas de Amsterdã, minha terra natal.



AGROPECUÁRIA – Vocaçao Rio-grandense de todos os tempos

Plantando Abati na Terra sem Males

Mais um dia de cansaço e fome. Como peixes na piracema, guiados pelo maracá do Carai, centenas de Guaranis prosseguem, muitos já exaustos e descrentes, na grande marcha para o Sul. Eles sabem como os peixes enfrentam os maiores obstáculos, subindo os cursos dos rios até suas nascentes, para desovarem nos pequenos córregos; porque seu destino é voltar ao lugar onde nasceram. Já os filhos de Nhanderu haviam abandonado suas tabas há muitas e muitas luas porque assim haviam ordenado os pajés, a maioria deles já morta pelo caminho. E por que uma tão longa marcha na direção contrária às suas origens? Conforme narravam os anciões, todos os Guaranis eram originários do longínquo Norte, de onde seus ancestrais, caminhando sobre o gelo, atravessando desertos e escalando montanhas, tinham chegado às florestas do maior de todos os rios, que desafia na força das águas doces até o Paraguaçu, o mar infinito. E ali, naquele clima quente, com fartura de caça e pesca, viveram milhares de vezes as estações das secas e dos igapós. Mas os pajés os orientaram a partir em busca da Yvy Marãey,

a Terra sem Males, levando apenas as armas, as redes e os surrões de embira trançada, abarrotados com as melhores sementes de abati. Mas os proibiram de plantar o milho antes de chegarem ao seu destino.

De repente, chega o frio, que não conhecem, fazendo homens, mulheres e crianças tiritarem, mesmo ao lado de grandes fogueiras. Vestem roupas de couro, improvisadas, até que, passadas três luas, as últimas geadas são derretidas pelo sol. Prosseguem, então, a caminhada até um largo rio onde flecham em abundância peixes dourados e grandes surubis. São tantos os caracóis em suas margens, que dão ao rio o nome de Uruguai. Antes de atravessá-lo em balsas feitas com troncos de madeira seca, os pajés lhes dizem, entre nuvens de fumaça mística, para dançarem durante sete noites: devem chegar ainda mais leves à terra prometida.

Na margem esquerda do Rio Uruguai, contemplam pela primeira vez a paisagem verde ondulada das coxilhas a perder de vista. Ali os pajés erguem uma Opy, a casa de reza, e os tuxauas permitem, finalmente, que os guaranis construam suas ocas. Feito isso, começa o ritual da plantação de sementes de abati, em que os homens abrem as pequenas covas, as mulheres colocam quatro sementes em cada uma e as crianças as cobrem com terra, pisando levemente com os pequenos pés.

Quatro luas se passam e é como se a terra vermelha tivesse transmitido seu próprio sangue para cada grão nela depositado. Cresce tão alto e unido o milharal, que as mães temem que os curumins se percam dentro da lavoura. Finalmente, dedos ávidos abrem as primeiras espigas e os índios respiram o cheiro das cascas verdes, suculentas, e contemplam com orgulho as fileiras de grãos perfeitamente ordenados, que irão alimentar muitas gerações.

Conta a lenda que, ao secarem as sementes, entre aquelas douradas como o sol surgiram algumas bem pequenas, mais escuras e pontiagudas, que ninguém conhecia. Levadas ao fogo, começaram a estalar e a se transformarem em pequenas flores brancas, que os curumins comeram, deliciados, e os adultos também.

Quando, em 1626, o padre jesuíta Roque Gonzáles de Santa Cruz atravessou o Rio Uruguai para iniciar a grande saga dos Sete Povos das Missões, trouxe muitos ensinamentos para os índios guaranis. Foram os jesuítas que, por 130 anos, até 1756, quando foram expulsos destas terras, ensinaram os índios a domesticar a erva-mate, a plantar a

primeira vinha, a semear o trigo para as hóstias e para o pão, a desenvolver imensas estâncias de criação de gado. Mas tiveram a humildade de aprender com os guaranis o respeito por todas as formas de vida da natureza, o que hoje chamamos de ecologia, e a plantar e colher o melhor milho de toda a América do Sul.



O Velho Marinheiro – A História da vida do Almirante Tamandaré.

I

Rio de Janeiro, madrugada de domingo, dia 14 de março de 1897

Será hoje ou amanhã? Ela me espreita há muitos anos; já me acostumei. Em verdade, me espreita desde o momento em que nasci. Sim, mesmo naquela cidadezinha perdida no extremo sul do Brasil, entre cômoros de areia, ela veio ao meu encontro.

E até parecia fácil recolher em suas asas aquele menino doente, desde o primeiro suspiro. O único médico que por ali havia (ou dormia) era um alemão encharcado de cachaça. Meu pai o acordou, dizem que apelando para uma garrucha engatilhada, e o trouxe até a nossa casa.

Sorte que a parteira era experiente e não deixou me darem de beber nenhuma gota do remédio que o tal doutor receitou. Ela soubera me tirar com cuidado de dentro da minha mãe e me mostrara ao meu pai à luz turva de uma lamparina. Um menino com todos os seus dedinhos das mãos e dos pés. Nenhum defeito aparente, a não ser o choro, muito pouco e fraco, depois de três ou quatro palmadas.

Até hoje sou duro de chorar. Foram raras as ocasiões em que me engasguei com lágrimas. A última delas quando recebi a carta da Prince-

sa Isabel, contando como meu Imperador morrera, lá longe, na capital da França. Até que resisti à primeira página, porque já sabia da sua partida. Porém, quando ela me contou que Dom Pedro II deixara a ordem de ser enterrado tendo sob sua cabeça uma almofada com terra do Brasil, meu velho coração começou a bater como um martelo na bigorna. Fiquei cego e surdo por alguns minutos e chorei diante da minha filha Maria Eufrásia, por sorte a única testemunha daquele momento.

Mas voltemos à minha querência, como dizemos no Sul, lá longe, onde a Lagoa dos Patos se infiltra no mar. Lá onde Pero de Souza, irmão do primeiro governador da Terra de Santa Cruz, descobriu em 1532 a imensa caudal de água doce, confundindo-a com um rio. Por isso denominou-o Rio Grande de São Pedro do Sul, por ser 29 de junho, o dia consagrado ao apóstolo.

No entanto, por exigência do Tratado de Tordesilhas, que determinava ser espanhol o imenso litoral sul, a partir de Laguna, em Santa Catarina, somente dois séculos depois, em 1737, os portugueses comandados pelo Brigadeiro Silva Paes desembarcaram naquela costa abandonada. E construíram, no meio das areias movidas pelo vento, o Forte Jesus, Maria, José, em cujas ruínas eu brinquei de flibusteiro nos meus primeiros anos de vida.

Pois foi nas mãos da Virgem Maria que fui entregue depois que meu pai botou porta afora o médico embriagado. Talvez a origem da repugnância que tenho por todas as categorias de bêbados (principalmente a bordo dos meus navios), embora me apeteçam até hoje os bons vinhos, de preferência o do Porto, do qual sempre tomo um cálice ou dois quando a ocasião se oferece.

A casa onde nasci, na Rua da Praia, esquina com o Beco do Chico Marques (nome dado em homenagem ao meu pai), ficava a uns cinco minutos a pé ou de caleça da chamada Catedral de São Pedro, a primeira igreja construída pelos portugueses no Rio Grande do Sul. Era só seguir pelo beco, dobrar a esquina e continuar pela Rua Direita, a única digna desse nome na Vila do Rio Grande. O dia estava clareando quando a decisão foi tomada. Um menino negro foi mandado correndo avisar o padre que o filho recém-nascido de Francisco Marques Lisboa precisava ser batizado *in extremis*. Feito isso, devia ir até a casa do Tenente-General Manuel Marques de Souza, a poucos passos da Catedral, portando um bilhete escrito às pressas para ele e sua esposa explicando a situação e convidando-os para serem meus padrinhos.

O prestígio de meu pai, Patrão-Mor vitalício da Praticagem do Porto do Rio Grande, já justificaria o convite ao homem mais importante de toda aquela região sul do Brasil para ser seu compadre. Isso porque, antes que o Príncipe Regente lhe outorgasse essa honra, não existia um serviço capaz de fazer entrar e sair navios naquela barra maldita. Além disso, soubera amealhar uma pequena fortuna com a renda que obtinha desse trabalho, somada ao comércio de compra e venda que fazia ali e nas charqueadas de Pelotas, então conhecida como o povoado de São Francisco de Paula. Acontece que a esposa do Tenente-General, Tia Joaquina, era irmã da minha mãe. E só não acompanhou o parto ao lado dela porque não houve tempo de chamá-la.

Seja como for, quando o sol estava apenas um palmo acima das águas do mar, fui levado (enrolado às pressas em alguns panos) até a igreja por meu pai, acompanhado de meus irmãos mais velhos, Maria Eufrásia e Francisco. Fomos numa carroça toldada puxada por dois cavalos meio dormidos, e meu pai só descobriu que meu irmão Manuel nos seguira já dentro da catedral.

Minha mãe, impedida pela parteira, não assistiu ao batizado. E a imagino deitada na enorme cama, com seus lindos olhos velados de lágrimas, as mãos segurando contra o peito a antiga imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, na qual também acreditava Sia Eleodora, a velha parteira, mudando-lhe apenas o nome para Iemanjá.

CONTO

Milagre na Vila de Triunfo

Redação Mensal Obrigatória

Tema: O dia do meu aniversário

Aluno: José Joaquim de Campos Leão

Classe: 5º Ano Primário

O primeiro a levitar dentro da igreja foi o Padre Querubim. Começou subindo até suas botinas ficarem na altura do cálice sagrado. Subiu mais um metro e tentou descer. Foi quando perdeu o equilíbrio e dobrou o corpo pra frente, como se fosse nadar. Então, feito um trapezista do circo de cavalinhos, deu uma pirueta e ficou de cabeça para baixo. A batinha lhe cobriu o rosto e descobriu as pernas cabeludas. E mais não digo para não pecar demais.

Foi quando outras pessoas começaram a flutuar pela igreja e as imagens dos santos também. Até as hóstias voaram como fichinhas brancas perseguidas pelo vinho consagrado, que parecia o desenho da cauda roxa de um cometa.

Todos que vieram à missa flutuavam no ar, nas mais diferentes posições, movendo-se como gatos recém-nascidos. As senhoras e moças seguravam as barras das saias e vestidos, de medo de mostrarem as vergonhas, enquanto alguns homens, em lugar de ajudá-las, espichavam os braços tentando pegar suas bengalas e chapéus.

Todos levitavam, como Cristo sobre o Mar da Galileia, menos eu, que continuava caminhando aqui embaixo, na impossibilidade da santificação, decerto pelo peso dos meus pecados. Fiquei com muito medo, pensando que ia para o inferno, até que raciocinei (como nos ensinou a Professora Jandira nas aulas de Matemática): eu não podia estar no chão só pelo peso dos pecados, porque o Deusinho Antunes, que já foi preso como borracho e ladrão de ovelhas, estava lá no alto, com as costas apoiadas no forro de madeira, e rindo de sacudir a enorme barriga.

Saí para a frente da igreja e vi coisas do arco da velha. Um cavalo com carroça e tudo estava passando por cima do telhado da nossa casa, ali bem pertinho. Por uma das quatro janelas saiu o meu pai, ainda com a cuia de mate na mão direita, seguido pela minha mãe e pela Custódia, nossa cozinheira, e todas suas caçarolas, pratos, xícaras e talheres; seria uma mudança completa, se o fogão e os moveis pudessem passar pela janela estreita. Aliás, o meu pai não tardou a ir para o céu, de verdade, depois de cair numa emboscada não se sabe de quem: os caramurus dizem que foram os farroupilhas; os farroupilhas juram que foram os caramurus. Mais um absurdo na minha pequena vida.

Desci a escadaria da igreja correndo, enquanto alguns cachorros faziam o mesmo, mas batendo as patas dianteiras como se nadassem no Rio Jacuy. Aliás, logo adiante, sobre as águas desse rio e do Taquary, barcos dos mais diferentes tipos navegavam pelo céu azul, seguidos por cardumes de dourados, traíras e lambaris.

Pouco depois, sem nenhuma razão aparente, todas as pessoas, animais e coisas foram ganhando peso, lentamente, voltando a pisar a terra num coro de suspiros, gritos, rezas, latidos, relinchos, miados de alívio. Ninguém se machucou e, se não fossem alguns barcos que desceram e adernaram no meio do campo, no mesmo momento em que as vacas e ovelhas também desciam e voltavam a pastar; se não fossem os peixes ainda vivos recolhidos nos telhados das casas; muita gente de outras bandas, que não viu nada, não acreditaria que esse milagre aconteceu, como São Tomé não acreditou na ressurreição do Mestre.

Como eu vi tudo daqui debaixo e não vi nada lá de cima, fiquei até triste, em vez de só me divertir com tantas palhaçadas de burlantins e saltimbancos. Além de explicar o que aconteceu (como sempre os adultos exigem das crianças) eu tinha que saber por que até os porcos voaram dos chiqueiros, e eu não.

Depois de muito espremer a cabeça em busca desse brilhante escondido, achei a resposta para o que aconteceu na Vila de Triunfo, no dia 19 de abril de 1839, quando completei dez anos de idade. Não foi um absurdo, como dizem sempre que eu conto uma história que nasceu da minha caixa craniana. Como nos ensinou a Professora Jandira, nas aulas de Ciências, um tal de Newton descobriu a lei da Gravidade quando a maçã de Adão e Eva caiu na cabeça dele. Uma lei absurda, que nos gruda na superfície do Planeta Terra desde a criação do mundo, mas não como os carrapatos se grudam no gado. Os carrapatos não caminham e nós, sim. Se estamos grudados no chão, como podemos caminhar? E como a Terra está sempre girando (outro absurdo digno de mim), sem estar grudado nela a gente cairia, ou melhor, sairia flutuando como um balão cheio de ar quente, desses de São João.

Bueno, como acontece com tudo na Vila de Triunfo (reventou a corda do sino, faltou farinha para as hóstias, estragou o moinho d'água, terminou o óleo de baleia das lamparinas da rua principal) a tal Lei da Gravidade pifou ou pegou no sono por uns dez minutos. O certo é que perdeu a seriedade (como seu nome também quer dizer) e resolveu rir de todos, menos de mim (que sou a vida, não sou a morte), por alguns minutos.

Por que só eu fui poupado? Porque estava de aniversário, não é uma explicação. Não subi porque sou diferente, e todos em volta de mim são sempre iguais. E também porque hoje eu sou um e amanhã sou outro.

Quem sabe naquele hoje, em que a lei perdeu a gravidade, só estava na Vila de Triunfo o meu eu, gramático, tipógrafo e teatrólogo, do dia de amanhã.

Assignado: QORPO-SANTO (ou um outro escritor mentiroso e maluco, de um futuro distante, assignando, com todo o direito, o meu nome).

Foto do escritor em sua participação no filme "A cabeça de Gumercindo Saraiva", de Tabajara Ruas

